

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Amábile Madaleno Batisteti

Bruna Gomes Buzzetti

Monique Alessandra Pereira Almeida

CADERNETA DO SOCIOLINGUISTA

São Paulo, 2017

Amábile Madaleno Batisteti

Bruna Gomes Buzzetti

Monique Alessandra Pereira Almeida

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção de aprovação na disciplina Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa I, no Curso de Letras, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Profa. Dra. Marli Quadros Leite

São Paulo, 2017

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a análise e a classificação de dados colhidos em situações de fala diversas para observação da presença de variações linguísticas em contexto oral no português brasileiro cotidiano.

Palavras chave: *sociolinguística, variação, variedades, mudança, linguística.*

INTRODUÇÃO

Considerando a língua um fato social cujo alicerce é a necessidade de interação e compreensão de seus falantes, pode-se afirmar que as diferentes formas de linguagem são parte de um processo natural de variação linguística que busca a eficiência em sua tarefa comunicativa entre interlocutores de um dado ambiente. De acordo com Halliday et al. (apud LEITE, 2005, p. 185-186), as variedades linguísticas se devem a fatores dialetais, ou seja, inerentes ao próprio usuário, como origem geográfica e classe social, e a dados devidos à situação de comunicação da qual o usuário participa ao longo do dia: os níveis de fala. Como dito, a língua é um fato social e como tal deve ser analisado dentro do ambiente no qual se atualiza, posto obedecer a normas sociais e a esquemas de comportamento.

Assim, é a partir do seu uso e das constantes renovações da vida social recorrentes dela que se originam as variações linguísticas. Nos dizeres de Leite (2005, p.183-184), “o raciocínio a se fazer para compreender o constante movimento das línguas é simples: o *uso propicia variações linguísticas*, decorrentes da constante renovação da vida social, e estas vigoram por certo tempo, o que gera o fenômeno conhecido por *mudanças linguísticas*”.

Tais variações podem ser verificadas por contexto de fala (variação diafásica), por grupo social (diatrática), por diferenças regionais (diatópica) e por questões históricas, podendo ser de natureza fonética, semântica, morfológica, sintática e etc. Sendo o Brasil um país de proporções continentais, por exemplo, é de se esperar que a necessidade de comunicação de suas diversas regiões, ainda que próximas, não siga exatamente o mesmo padrão linguístico. Desta maneira, este trabalho visa atingir o objetivo geral de análise e classificação de dados colhidos em situações de fala diversas para observação empírica da presença de variações linguísticas em contexto oral.

COLETA, COMENTÁRIO E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Para a composição deste trabalho, nos servimos de diálogos travados com representantes de diferentes classes sociais, níveis de escolaridade e idade, gravados e transcritos da forma mais fiel possível ao que foi dito pelos falantes, desde a presença de pausas, representadas pelas reticências, quanto às discordâncias gramaticais e a pronúncia de algumas palavras, grafada conforme a realização oral. Os exemplos contam com breves esclarecimentos sobre o contexto da fala, sexo e idade do falante, e as falas transcritas são precedidas pelo sexo (H/M) e a idade (AA).

Exemplo 1 – Uma neta, de 18 anos, mostra a foto de um amigo para a avó, de 70 anos, ambas originárias e atuais moradoras da cidade de São Paulo, no início de 05/2017.

M70: “Quem é esse *baita colosso*?”

Colosso, segundo o Dicionário Aurélio, pode significar:

- i- Estátua descomunal;
- ii- Pessoa ou objeto agigantado;
- iii- Grande poderio ou soberania;
- iv- Pessoa ou coisa excepcional.

No diálogo em questão, a senhora utilizou o termo com o significado de “bonito”, “pessoa atraente”. Embora o sentido da palavra tenha sido compreendido pela neta, o termo causou estranheza em razão de seu desuso entre falantes de gerações mais novas. Observa-se que, no aspecto diacrônico, houve uma mudança do significado de *colosso* de época para época. Para a falante, o termo empregado seria uma gíria positiva.

Igualmente, a palavra *baita*, oriunda da Itália, foi destituída de seu sentido original e passou a ser sinônimo de “enorme”, “muito grande”, quando, em princípio, era

empregada com sentido original de “casa”¹. Por comparação – casas são grandes – a palavra passou ao significado empregado. A língua, dinâmica e flexível como é, permite que haja uma variação semântica das palavras, apresentando ocorrências consoantes à época, grupo social do falante, contexto, etc.

Exemplo 2 – Diálogo informal ocorrido na cidade de Valinhos, interior do estado de São Paulo, entre um adolescente de 13 anos, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental, e sua irmã (alto grau de intimidade), em 11/06/2017.

H13: “Fazê isso no cachorro é uma *judiera*.”

Neste exemplo de variação morfológica, o processo de derivação sufixal é uma das maneiras pelas quais pode-se criar novas palavras, podendo ocorrer a troca de classe da nova palavra, mas não sendo essa uma regra obrigatória. Acrescentando o sufixo */-ação/* ao radical do verbo *judiar*, cria-se o substantivo *judiação*. No entanto, para criar um outro substantivo derivado da palavra de mesma classe *canela*, por exemplo, acrescenta-se o sufixo */-eira/*, dando origem à *caneleira*. Como ambos sufixos possibilitam a criação de substantivos, ocorreu no caso citado uma troca de seus usos, suscitando *judieira* (aqui pronunciada *judiera*).

Exemplo 3 – Diálogo ocorrido no dia 15/06/2017 na cidade de Promissão, interior de São Paulo, entre uma senhora de 50 anos em conversa informal com a sobrinha (alto grau de intimidade).

M50: “Eu te levo lá, *fia*.”

M18: “Não precisa, tia, eu vou andando mesmo.”

M50: “Não, eu levo, eu faço *questã*.”

¹ SILVEIRA BUENO, 1947.

Outro exemplo de variação morfológica existente na fala popular brasileira pode ser apontado no exemplo acima. Através do processo morfológico de subtração há a formação de alguns femininos: *são – sã*; *irmão - irmã*; *órfão – órfã*. Por comparação, a falante do caso observado supôs que *questão* seria o substantivo masculino e *questã*, portanto, seria a variante feminina da palavra.

Exemplo 4 – Mulher de 50 anos, ensino médio completo, originária da zona rural de uma cidade do interior de Minas Gerais em uma conversa com sua filha, no dia 16/06/2017.

M50: “*Cê viu o tanto de cicrista na praça?*”

Oriunda do pronome *você* – que, por sua vez, originou-se de *vossa mercê*² – a expressão *cê* é a mais usada das variações do pronome, embora *ocê* também seja uma variante comum de *você*. Normalmente utilizada em comunidades rurais e situações informais de fala, ela é preferencialmente utilizada como sujeito de orações, como realizado pela fala transcrita. Trata-se, também, da variação histórica, pela mutação ao longo do tempo do *vossa mercê* ao *você*, assim como de diatópica, pela utilização comum e até preferível do termo *cê* em certas regiões³.

No caso da realização de *cicrista*, a troca de /l/ por /r/ é bastante comum no interior de Minas Gerais, mas não parece ser uma característica fonética-fonológica recente da língua portuguesa, pois foi explicitada em *Os Lusíadas*, quando Camões utiliza “*frauta*” ao invés de “*flauta*” no canto I da epopeia. De acordo com Câmara Junior (1972, p. 40-41), “(...) nos grupos de líquida como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do ‘l’ que o muda em ‘r’”. No caso da troca do som lateral *-l* pelo rótico *-r* no meio das palavras não é tão comum quanto no fim (*sol – sor / mal – mar*) mas possivelmente têm a mesma origem.

² FIORAVANTI, 2015, p. 230.

³ Como observado em GONÇALVES, 2008, p. 228.

Exemplo 5 – Diálogo ocorrido em 16/06/2017 na cidade de Tupã (SP) entre amigos com grau de intimidade alto. A transcrição refere-se à tentativa do falante, homem de 36 anos, de estacionar seu carro em uma avenida da cidade no dia 12/06.

H30: “É, *tipo assim*, quando a gente passô, quando *nós sai* da academia, a gente dá uma volta, *aí* no que *nós demo* a volta... *tipo*, *daí nós fomo umas três vez*... Na segunda-feira... ou os *cara* é rico demais, mas *tipo*... tudo lado tinha gente, imagina isso aqui lotado de gente, *daí* eu falei ‘*carai*, segunda-feira o *trem lotado?*’, olhei *embaixo lá* pra pegar o lanche, lotado, aquele monte de carro, eu falei ‘Jesus’⁴, *daí* lembrei que era dia dos *namorado*.”

Nos aspectos morfossintáticos deste exemplo, verifica-se que há economia das marcas de plural *-s* em verbos conjugados na 1ª pessoa do plural (*demos*, *fomos*), em utilização tanto com o pronome *nós*, quanto com *a gente*. A mesma economia é encontrada nos sintagmas nominais *caras* e *namorados*. Outra realização comum na fala popular brasileira e presente no exemplo acima é a epêntese vocálica de *-i* entre as sílabas *-es/-ez* de *três* e *vez*. De acordo com Leite (2017, p. 16):

Teyssier (2001 [1980]), por exemplo, diz, ao descrever a pronúncia brasileira em geral: “A pronúncia chiente do *-s* e *-z* em final de palavras provoca, não raro, o aparecimento de um iode; ex.: *atrás*, *luz*, *pés*, pronunciados como [atrays], [luys], [peys].”, como se verifica, também na fala popular. O autor não se referiu à pronúncia sibilante do *-s*, porque trabalhava com a variedade carioca como modelo do português do Brasil, mas essa também provoca o mesmo fenômeno, o aparecimento do iode referido.

Nota-se também a presença de gírias e de um termo chulo que o falante utiliza enquanto relata a situação vivida por ele aos participantes da conversa (jovens adultos entre 25 e 30 anos). O uso de gírias caracteriza a variação diastrática da fala: o vocábulo *tipo*⁵, de acordo com Bagno (2011, p. 848) é habitualmente utilizado por falantes nascidos a partir da década de 1980. Independentemente de sua origem, uma das funções das gírias *tipo* e *tipo assim* na fala transcrita é preencher “o vazio causados pela perda da linha de

⁴ Pronunciado com o */-e/* alongado: “Jeeeesus”.

⁵ Conhecido em todo o território nacional após o quadro humorístico Papo Irado, da humorista Heloísa Perisé, apresentado no programa Fantástico, da Rede Globo, em 2002. O uso desses vocábulos funciona como prática social comum.

raciocínio, facilitando a produção do falante, e, ao mesmo tempo, indicam para o ouvinte a manutenção do turno da fala”⁶.

Na fala, a função de “ponte” entre a expressão de um pensamento e outro pode ser realizada de diferentes formas na língua popular, dentre elas o uso de bordões como *né*, *então*, *daí*, como veremos no exemplo 2. Nesse sentido, cabe utilizarmos os dizeres de Leite (2017, p. 10), tratando da questão das variedades culta e popular da língua e das diferenças entre a língua escrita e a falada:

(...) a organização do enunciado linguístico tem lógica diferente daquela do texto escrito por vários motivos, sendo alguns dos principais as condições e o meio de produção de um e outro que, em decorrência de o planejamento ser paralelo à produção, há elementos típicos da oralidade (pausas preenchidas ou não, marcadores da conversação etc.).”

Exemplo 6 – Diálogo ocorrido em 16/06/2017 na cidade de Tupã (SP) entre dois conhecidos, grau de intimidade moderado. A fala aqui transcrita é uma proposta de trabalho de um dos falantes, homem de 53 anos, ao outro, homem de idade desconhecida.

H53: *Aí*, a gente tinha trocado uma ideia aquele dia *lá*, entendeu?! *Aí*, futuramente *cê precisá* di *qualqué* coisa, *aí*... Eu sei que eu tô *precisano* di *arguém* assim, *ca* gente também num tem tanta saúde assim, *cê* entendeu? *Daí* eu lembrei *d’cê* e falei vou dar um *toquim* nele.

Neste exemplo, verifica-se, no aspecto fonético-fonológico, que o falante realiza a supressão do fonema final *-r* no pronome *qualquer* e no verbo *precisar*. Da mesma forma, há a redução do grupo consonantal *-ndo* para *-no*, e do sufixo diminutivo *-inho* para *-im*, como em *precisando* e em *toquinho*. No aspecto semântico, nota-se a substituição do vocábulo *aviso* por *toque*, popularmente realizada por falantes da região Sudeste⁷.

Outra observação pertinente trata do uso da variação pronominal *cê* ao invés de *você*. Essa substituição já é bastante popular na língua falada brasileira, conforme visto

⁶ CASTELANO e LUQUETTI, 2014, p. 100-101.

⁷ Forma já incorporada ao dicionário Aulete, verbete “*toque*: 21. Conselho ou aviso que se dá a alguém; 22. Informação útil que é pouco conhecida; dica”. Disponível em < <http://www.aulete.com.br/toque>>. Acesso em 17/06/2017.

também no exemplo 3, de outra região. Na fala transcrita, ocasiona a apócope da vogal – *e* em *de você*, que passa a *d'cê*. A preposição *com* e o artigo *a* também sofrem o mesmo processo, tendo o falante declinado os fonemas finais –*om* da preposição: *c(-om)* + *a* passa a *ca*.

Exemplo 7 – Conversa espontânea e informal ocorrida entre um tio e seus três sobrinhos, com alto grau de intimidade, no dia 17/06/2017, na cidade de Bastos, interior de São Paulo.

H50: Disperdício di dinheiro público... Im *vez* di *fazê* as *patrulha*, tá aí *gastano* em *buscá* os *cachorro*.

Afere-se que os exemplos 5, 6 e 7 fazem parte de uma mesma variação diatópica, posto similares quanto às características de uso da língua pelos falantes residentes de uma mesma microrregião. A queda do –*r* quando ao final de palavra e do –*s* quando ao final de palavra proparoxítona ou proparoxítona foi observada no dialeto caipira do interior do estado de São Paulo, dentre outros, já no início do século XX, por Amadeu Amaral⁸. Embora em rápida transformação já naquela época e, de acordo com o autor, já raro no Oeste Paulista, as características do caipirismo compilado por Amaral ainda lançam luz à análise dos discursos linguísticos dos residentes da região.

Por fim, se consideradas apenas as semelhanças entre o grau de formalidade dos contextos de fala, verificam-se, em todos os exemplos, elementos que caracterizam a língua popular, conforme Barrera e Maluf (2004):

(...) simplificação gramatical das frases através da redução das estruturas subordinadas em benefício das frases simples, justapostas e da coordenação (como por exemplo o uso excessivo de “*aí*”, “*então*”, etc), maior emprego da voz ativa em lugar da passiva e predomínio das regências diretas nos verbos e do emprego de pronomes pessoais retos como objetos (Exemplos: “*vi ele*”, “*encontrei ela*”).⁹

⁸ Amaral, A. O Dialeto Caipira. Domínio Público, 1920, p. 9-10.

⁹ BARRERA e MALUF, 2004, p 36.

CONCLUSÃO

A experiência obtida durante a observação das manifestações orais da língua para a composição deste trabalho, ainda que pouca, nos abriu caminhos para compreender a que a língua contém em si um conjunto de variedades possíveis, pertinentes e eficientes para a comunicação entre seus usuários. No caso da fala, mesmo quando pensamos na realização de uma variedade culta ou de uma variedade popular, é possível inferir que a modalidade oral está em constante transformação e que essas mudanças podem estar relacionadas a diversos fatores como escolaridade, localização e idade do falante. Mesmo a sociedade prestigiando mais a modalidade escrita, só o estudo da oralidade é capaz de acompanhar as inovações da língua.

REFERÊNCIAS:

- AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. Domínio Público: 1920. Disponível em <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao13/pdfs/dialeto.pdf>>. Acesso em 17/06/2017.
- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 848.
- BARRERA, S. D. e MALUF, M. R. **Variação lingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 35-46, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17/06/2017.
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 40-41.
- CASTELANO, K. L. e LUQUETTI, E. C. F. **Uma abordagem dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” e suas implicações para o ensino de língua portuguesa**. In: *Revista Científica Interdisciplinar*. Nº 1, vol. 1, art. nº 5, jul./set. 2014. Disponível em: <<http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/viewFile/15/10>>. Acesso em 17/06/2017.
- DICIONARIO ONLINE CALDAS AULETE. Disponível em: <www.aulete.com.br>.
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio: O dicionário da Língua Portuguesa**. 6ª. ed. Curitiba: Posigraf S.A.
- FIORAVANTI, C. **Ora pois, uma língua bem brasileira**. In: *Revista Fapesp*. Ed. 230, abr. 2015, p. 16 - 23. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>>. Acesso em 18/06/2017.
- FIORIN, José Luiz da Silva (Org.). **Introdução à Linguística: II**. Princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística das formas você, ocê e cê no português**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, 2008, p. 228.
- LEITE, M. Q. **Variação Linguística: dialetos, registros e norma linguística**. In: SILVA, L. A. *A língua que falamos*. São Paulo: Globo, 2005.
- _____. **Culto versus Popular: interpretações**. São Paulo: Inédito, 2017.
- KEHDI, Valter. **Formação de Palavras em Português**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- PERINI, A. M. **Gramática Descritiva do Português**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2005.
- SILVEIRA BUENO. **A Gíria dos Vagabundos**. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 ago. 1947. Banco de Dados Folha. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_10ago1947.htm>. Acesso em: 17/06/2017.